

CENAS DA MEMÓRIA-HISTÓRICA DO CINEMA EM PARNAÍBA/PI, DURANTE O SÉCULO XX.

Francisco Samuel Lima dos Santos
sml176@hotmail.com

Roberto Kennedy Gomes Franco

RESUMO

No trabalho proposto, procuramos através de uma análise histórico/metodológica, compreender quais as influências que o cinema exerce sobre uma sociedade, e quais as contribuições que o mesmo propicia para a formação educativa e cultural da mesma. Nossa pesquisa compreende o período do século XX, mais precisamente entre os anos de 1903 a 1980. Buscamos utilizar como fio condutor o aporte teórico da “invenção das tradições” encontradas em (HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. 2002), além de uma análise das fontes diversas tanto orais como escritas, materializadas através das entrevistas e bibliografias amplas, que de alguma forma contribuem para a reflexão sobre o tema abordado. Para além do objetivo exposto, buscamos ainda, problematizar a tarefa histórica que o Cinema propiciou na cidade de Parnaíba/PI durante o século XX, difundindo através de sua linguagem específica, o devido aprendizado cultural em diversas áreas, abordando entre elas, sociabilidades, educação, artes, música, e em especial o de história, pois, percebemos uma nova “tradição sendo inventada” através dessas novas formas de se aprender/distrair com o cinema, como apreendemos nas reflexões explicitadas por Walter Benjamin (1987), ao falar sobre a distração oferecida pela arte, para se formar novas medidas de percepção.

Palavras-chave: Cinema, Memória, História e Parnaíba.

ABSTRACT

In the proposed work, we seek through a historical / methodological analysis, understanding what influences that cinema has on a society, and what are the contributions that it provides for the educational and cultural development of the same. Our research covers the period of the twentieth century, more precisely between the years 1903 to 1980. We seek to use as the guiding theoretical framework of the "invention of tradition" found in (HOBSBAWM, EJ; RANGER, T. 2002), plus a analysis of the various sources both oral and written, materialized through interviews and extensive bibliographies, which somehow contribute to reflection about the topic. Apart from the above objective, we seek to further problematize the historical task that led Cinema in Parnaíba / PI during the twentieth century, spreading through its specific language, because cultural learning in several areas, including addressing, sociability, education , arts, music, and especially the history, because we realize a new "being invented tradition" through these new ways of learning / distracted by the film, as we apprehend the reflections explained by Walter Benjamin (1987), when talking about the distraction offered by the art, to form new perception measures.

Keywords: Cinema, Memory, History and Parnaíba.

A TAREFA HISTÓRICA DO CINEMA EM PARNAÍBA/PI

Através de uma análise histórico/metodológica, buscamos compreender quais as influências que o cinema exerce sobre uma sociedade, e quais as contribuições que o mesmo propicia para a formação educativa e cultural da mesma. No decorrer do desenvolvimento das pesquisas e do diálogo com as fontes, tanto orais quanto escritas, materializadas através das entrevistas e bibliografias diversas, que de alguma forma contribuem para a reflexão sobre o tema abordado, percebemos que o cinema, visto como linguagem produzida pela realidade social, cultural e política do cotidiano das sociedades, apresenta uma grande contribuição para a formação educativa/cultural do espectador, vez que é capaz de enriquecer sua práxis singular. Neste sentido a experiência cinematográfica atinge diretamente a consciência dos seres humanos, agindo diretamente sobre as pessoas que o acompanham. O cinema influencia de maneira modificadora seus comportamentos, jeito de vestir e de se portar perante a sociedade, destacando com isso a “invenção das tradições” (HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. 2002), produzida pelo cinema.

Historicamente, com a alvorada do século XX, em todo o mundo, o Cinema causou uma transformação nas tradições sociais desse período e foi responsável por inovações no comportamento das pessoas, iniciando novos locais de socialização e entretenimento, assim como, novas formas de experiência educativa por meio dos principais elementos da linguagem cinematográfica produzida pelo produto final, que é o filme. De acordo com QUEIROZ (1998, P. 29), “o cinema é, durante as primeiras décadas do século XX, a diversão mais atraente”.

Em relação a este aspecto a Revista HISTÓRICA do IHGGP, Ano I, nº 01 - Abril 2008, p. 15, assim descreve a seguinte cena sobre a emergência do Cinema em Parnaíba/PI:

Nos seus anos de pleno funcionamento chegou a ser considerado um dos principais do Norte e Nordeste e de sua tela centenas de jovens não desviavam os olhos na expectativa de observarem os mínimos detalhes nas vestimentas e movimentos dos atores da época. Na porta, sempre apinhada de gente nas sessões de sábado à tarde, se encontravam os namorados para depois darem voltas na Praça da Graça observando as enormes tartarugas na Praça Landri Sales e acompanhando a banda municipal no Coreto. Igual a tantas outras

atrações de cidades do interior brasileiro, o Cine Éden era a sensação do momento.

Com isso buscamos mostrar que o Cinema em Parnaíba, cumpriu a tarefa histórica de difundir, através de sua linguagem específica, o devido aprendizado cultural em diversas áreas, entre elas, sociabilidades, educação, artes, música, e em especial no de história, pois percebemos uma nova tradição sendo inventada através dessas novas formas de se aprender/distrair com o cinema.

As observações de Walter Benjamin (1987, p. 163), a este respeito, dizem que:

[...] quem se distrai pode criar hábitos. Mais: poder dominar certas tarefas na distração, só prova que a sua resolução se tornou um hábito. Através da distração que a arte oferece, podemos verificar de modo indirecto em que medida se terão tomado resolúveis novas tarefas da percepção. Aliás, como para cada indivíduo existe a tentação de se furtar a tais tarefas, a arte conseguirá resolver as de maior peso e importância se conseguir mobilizar as massas. Concretiza-o no cinema actual.

Nestes termos, retomando as fontes orais por nós produzidas sobre a memória-histórica do cinema em Parnaíba, ao longo do trabalho de campo, as quais, também agregam elementos históricos importantes para a materialidade da categoria a “invenção das tradições”.

Vejamos então, a fala do senhor Canindé (2011):

[...] Naquele tempo praticamente a vida social, o convívio social da nossa cidade se dava em torno desse cinema, porque lá, tinha uma seção das seis e meia, os jovens, as famílias iam assistir esses filmes, e lá depois desses filmes a gente ficava na praça da graça que era uma praça muito bonita e bem diferente dessa que ai está, foi destruída por uma administração inconsequente, a gente ficava os jovens em torno [...] Aqui no meu tempo, os principais cinemas eram o Cine Teatro Éden na praça da graça, o Cine Ritz próximo ao magazine Siquera e tinha um na guarita próximo do mercado da guarita que era o Cine Guarita [...]

Nesta mesma linha de raciocínio, a fala do senhor Benjamin Santos (2012), acrescenta que:

[...] odiando os garotos e a rapaziada que vaiava filmes, quando eu tava achando o filme lindíssimo, eu sempre tive uma sensibilidade pro cinema muito grande, ao mesmo tempo que tinha pro teatro [...] a ligação minha com o cinema vem da infância.

Conforme observamos, essa “memória socialmente compartilhada” da gênese do cinema enquanto uma tradição cultural em Parnaíba/PI, articulando-se com aquilo que Hobsbawn e Ranger (1997), nos fala, ao categorizarem que “toda tradição é uma invenção”, é que percebemos que em Parnaíba, conforme a análise histórica das fontes orais, o cinema emergiu como “tradição” em algum lugar do passado, podendo ainda ser metamorfoseado em algum lugar do futuro.

Isto fica evidente, por exemplo, com a seguinte fala:

O cinema me serviu de complementação do universo cultural que eu ia recebendo do colégio e em casa [...] Foi no cinema que se desenvolveu todo meu conteúdo essencial de formação cultural, que no cinema eu não aprendi estudando, no cinema eu aprendi vendo e ouvindo na sala escura. (SANTOS, 2012)

Aprendemos com essa narrativa/reflexão, categoricamente, que o conceito de tradição enquanto uma teia de significados simbólicos que repassados de geração a geração possuem, dialeticamente, um caráter repetitivo, porém, não estático, visto que essa “repetição” é contraditória. Neste sentido, para Sahlins (1990): “em toda mudança vê-se também a persistência da substância antiga: a desconsideração que se tem pelo passado é apenas relativa” (SAHLINS, 1990, p. 190). Isto porque os sistemas simbólicos não devem ser pensados como estáticos, e sim dinâmicos, atendendo ao curso da história para se (re)produzirem.

A tradição é um fio-condutor (THOMPSON, 1981) para o passado e uma forma de mediação para o tempo presente e futuro. Assim a tradição (re)-inventa a relação espaço-temporal da ação humana dentro da comunidade parnaibana, sendo um elemento intrínseco e inseparável da mesma.

Fica evidente nas falas sobre o cinema em Parnaíba que a invenção da tradição cinematográfica serviu de fio-condutor de orientação cultural, isto porque o cinema tem a potência histórica e educativa de influenciar o curso da experiência humana.

A experiência relatada pelo senhor Benjamim Santos (2012), bem caracteriza isso, segundo o mesmo, sua relação com o cinema vem desde infância, fala com orgulho que sempre foi “*metido a besta, sempre gostei de artistas, aprendia nos trailers dos filmes como se pronunciava os nomes que a molecada não sabia pronunciar, ai era muito comum me chamarem pra ver a exibição do filme e depois discutir, era um luxo*”.

Percebe-se da narrativa e da experiência de Sr. Benjamim, mediante o acesso a cultura cinematográfica, certa elevação intelectual e destaque social em relação aos demais. Claramente percebemos com isso a capilaridade histórica do cinema, conforme Hobsbawm, (re)-inventando as tradições no Estado do Piauí, especificamente em Parnaíba.

Categoricamente nos apropriamos do conceito de experiência em (THOMPSON, 1981), mediante a seguinte afirmação:

[...] as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem certos praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral.

Assim a “experiência” histórica do cinema na “invenção das tradições”, materializa-se enquanto espaço plural de sociabilidades. A narrativa do senhor Canindé (2011), bem exemplifica isso,

O cinema não deixava de ser, e vamos dizer assim, um local de jovens que conhecia a namorada, uma coisa, eu mesmo a minha esposa eu conheci lá no cinema, quer dizer eu conheci o namoro lá no Cine Teatro Éden, quer dizer são coisas que marcam a gente [...] o ambiente sadio, de convivência, aquela confraternização, aquele ambiente do diálogo, tinha lá pessoas que vendiam [...] pessoas que organizavam as filas do cinema, após a gente sair, ficar na praça, muitos jovens, homens e mulheres.

A este respeito Teresinha Queiroz (1998, p. 37), ao contar as histórias da chegada do cinema na Capital Teresina, assim comenta:

No campo das atitudes, o cinema, além de ditador de modas e toaletes, teria imposto novos modos de sentar (por exemplo, com as pernas cruzadas), de olhar, de fumar (seguido pelos cavalheiros) e até de flertar, pois o cinema (e sobretudo o hall do cinema) era tido como o local mais apropriado para o flerte (...)

Desta forma, para mergulhar na complexidade do fenômeno cinema em Parnaíba, procuramos compreender a categoria tradição, como sinônimo dessa “*experiência*” postulada por (THOMPSON, 1981), como um lugar envolto por uma ritualística e que possui *status* de integridade, uma forma de garantir a preservação,

baseado em modelos que podem ser histórias fictícias, reais ou reinventadas, dando conta dos inúmeros processos de simbolização no curso da história dos atores sociais.

Em suma, a tradição passa a ter um caráter normativo, relacionado aos processos interpretativos, por meio do qual o passado e o presente são conectados para ajustar o futuro. A tradição também se reporta ao futuro, ou melhor, indica como organizar o mundo para o tempo futuro, que não é concebido como algo distante e separado, ele está diretamente ligado a uma linha contínua que envolve o passado e o presente. Neste processo histórico, vemos que em Parnaíba/PI o efeito cultural do cinema foi o de inventar e (re)-inventar a tradição cultural dos parnaibanos, bem como dos piauienses.

MEMÓRIA E HISTÓRICA DO CINEMA PARNAIBANO E SUA “INVENÇÃO DE TRADIÇÕES”

Na cidade de Parnaíba/PI, a memória-histórica do cinema se materializa, em nossa averiguação histórica, através do cruzamento de fontes diversas (orais e escritas). O relato de Sr. Benjamim Santos (2012), bem retrata a primeira sala de projeção parnaibana, o cine Édén como espaço de sociabilidade múltiplas, vejamos a caracterização da cena histórica por ele rememorada:

O Édén teve característica cultural na cidade, como o principal auditório. Foi no Édén que foi realizada a seção solene de comemoração de celebração do centenário da Parnaíba [...] no Édén o palco com mesa toda arranjada pelas senhoras da cidade e com a presença do arcebispo de Teresina, que a Parnaíba ainda não tinha bispado, com a presença do Governador, com a presença do vigário, do prefeito e com outras autoridades, no Édén aconteceu a solene seção de cinema. O cinema na Parnaíba tinha essas várias facetas em relação à sociedade, em relação ao povo.

Esta aprendizagem se dá tendo em vista as reflexões sobre: o que o filme quer dizer? O que o espectador apreende/compreende do filme? O que ele assimila, abarca e reproduz sobre o filme? Enfim, se ocorre ou não a contextualização entre a estória apresentada e a própria realidade do espectador, e a partir disso se este realiza reflexão crítica sobre o que assiste e o que vivencia. Laura Maria Coutinho, no seu artigo intitulado “Refletindo sobre a linguagem do cinema” nos fala que:

Cinema pode ensinar, para muito além do conteúdo que os filmes parecem apresentar à primeira vista. Ir ao cinema, ver filmes em vídeo ou na tevê são sempre ações que se confundem em um mesmo processo de fazer emergir pressentimentos e atribuir sentidos ao que se desenrola nas telas, em linguagem feita de imagens e sons. São as imagens e os sons que primeiro se apresentam, mas a linguagem audiovisual, movimento, cor, é composta de muitos elementos e muitas nuances, sintetizados em uma narrativa. Os elementos que compõem o cinema estão, desde há muito, partilhando da vida de todos os que habitam este planeta girante. Assim, ver filmes, mesmo aqueles mais banais, pode ser uma experiência profundamente humana. (COUTINHO, 2005, p. 01)

Estes elementos são por nós percebidos, ao longo de nossa investigação sobre a emergência histórica do cinema em Parnaíba, visto que, o mesmo, enquanto espaço de sociabilidade, articula-se com aquilo que o Historiador Eric Hobsbawm categoriza como o processo de “invenção das tradições”¹.

Posto isto, através da análise do processo contraditório de “invenção das tradições”, tem-se o estudo sobre como se desenvolvem as tradições e em que situações elas se apresentam, bem como sobre as análises de seu conceito: “as tradições ‘inventadas’ são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória”, (HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. 2002).

As análises das evidências históricas coletadas por nós ao longo de nossa pesquisa, bem retratam isso. No Piauí, a cidade de Parnaíba, simultaneamente a Teresina-PI, foi uma das pioneiras nesta “invenção das tradições” cinematográfica, visto que relatos de cronistas da época, e ainda, autores envolvidos com a temática como Barro (2000), dão conta que a partir do ano de 1903 realizaram-se as primeiras projeções feitas por um exibidor ambulante vindo do Maranhão, chamado Moura Quineau.

Eu de mim recordo-me perfeitamente dos primeiros filmes que fui espectador. O exibidor ambulante, dos muitos e beneméritos que percorriam então os sertões brasileiros, levando a mais surpreendente novidade da época, fora à cidade piauiense de Parnaíba. Era nos primeiros dias de 1903. Não me lembro se do programa constavam dramas e comédias. Sei, apenas, que oferecia na tela, a reprodução de acontecimentos consideráveis naquela hora do mundo, distinguindo-se, entre eles, pela nitidez e pela imponência do espetáculo, as marchas e cargas da cavalaria inglesa que efetivava, então, a ocupação

¹ A categoria “invenção das tradições” é o fio condutor de nossa análise histórica.

militar do Transvaal. A guerra dos boers já havia terminado há quase um ano, mas os combatentes continuavam ainda em quadriláteros de pano comovendo os homens pelo interior do Brasil. Utilizando elementos rudimentares de emergência, lançando mão de carbureto como sucedâneo da eletricidade, a verdade é que a cinematografia se desobrigou admiravelmente, dessa vez, em Parnaíba, das suas responsabilidades. Os cavaleiros da Rainha Vitória vinham de longe, em galope largo, avançando e crescendo para o espectador, diante do qual, à boca do pano, davam um salto como se fossem cair na platéia. Dizia-se que, da primeira vez, alguns dos assistentes vendo os animais quase em cima deles debandaram da primeira fila. Parece, todavia, que o caso não passou de criação, com recriação de alguns espíritos maliciosos, no intuito de arrastar ao ridículo alguns de seus concidadãos. Foram estas as primeiras emoções que o cinema no meu norte longínquo e singelo me ofereceu. (CAMPUS, Humberto In: BARROS, 2000, p.113- 114)

Assim, a tradição oriunda da cultura cinematográfica ratifica-se em Parnaíba-PI, por meio dos relatos de cronistas do início da década de XX, a exemplo das memórias registradas por Humberto de Campus, em uma de suas crônicas. Vemos que, ao proporcionar à sociedade parnaibana o acesso a outras culturas que o cinema divulga de maneira própria, essa cidade, inevitavelmente, toma-se contemplada com um enriquecimento cultural abrangente e para além do já existente em sua própria cultura, expandindo o conhecimento da mesma e englobando várias outras culturas que são transmitidas através de filmes, que por sua vez são (re)produzidos por outras pessoas com culturas diferentes, perpassando o seu conhecimento por meio da linguagem cinematográfica.

Esta reflexão se articula com as análises de Walter Benjamin (1987), ao comentar que:

O que caracteriza o filme é não só a forma como o homem se apresenta perante o equipamento de registro, mas também a forma como, com a ajuda daquele, reproduz o seu meio ambiente. Isto porque o cinema, através de grandes planos, do realce de pormenores escondidos em aspectos que nos são familiares, da exploração de ambientes banais com uma direção genial objectiva, aumenta a compreensão das imposições que rege nossa existência e consegue assegurar-nos um campo de acção imenso e insuspeitado. As nossas tabernas, as ruas das grandes cidades, os nossos escritórios e quartos mobilados, as nossas estações ferroviárias e as fábricas, pareciam aprisionar-nos irremediavelmente. Chegou o cinema e fez explodir este mundo de prisões com a dinamite do décimo de segundo, de forma tal que agora viajamos calma e aventurosamente por entre os seus destroços espalhados.

Infelizmente nem sempre, os filmes eram voltados para uma reflexão crítica, mas sim articulados com a reprodução alienada da cultura dos Estados Unidos, ou o **“American Way of Life” (Modo de Vida Americano)**, *modelo cultural* que o mundo todo invejava, pois percebemos que a maioria dos filmes exibidos nas salas dos cinemas, era das Produtoras Hollywoodianas, que buscavam transmitir através de seus filmes, os moldes da cultura norte americana/estadunidense, perpassando os valores do consumismo, procurando fazer o que eles faziam de melhor, que eram vender, pois sempre propagandeavam os produtos da linha de exportação, como sapatos, joias, perfumes, automóveis e até tecidos.

A narrativa jornalística da Revista HISTÓRICA do IHGGP, Ano I, nº 01 - Abril 2008, assim comenta sobre isso:

O cinema daquele final de 30 para 40 privilegiou e muito a beleza das mulheres e a elegância dos homens. As atrizes norte-americanas e europeias eram lindas, loiras e longas. Esbanjavam um refinamento e uma elegância que vinha dos cabelos, vestidos e dos gestos.

Um elenco de primeira, das grandes companhias de cinema: a Paramount, United Artists, RKO, MGM, 20th Century Fox, New Universal Pictures entre outras. Atrizes como Ivone Printemps, Vicky Lester, Isa Miranda, a francesa Danielle Darriex, Joan Bennett, Bete Dotson, Olívia de Haeilland, Merle Oberon, a sueca Greta Garbo, a alemã Marlene Dietrich, Carole Lombard e Claudette Colbert. As mocinhas que iam ao Éden suspiravam. As atrizes eram realmente lindas.

A beleza que nem sempre correspondia ao talento era impressionante. O charme estava nos gestos como tragar um cigarro, retirar calmamente uma luva ou levar à boca uma taça de champanhe. O cinema parece que de propósito explorava ao máximo esse jeito americano de viver, mesmo sabendo que o mundo estava passando por um momento de crises. Carros e mansões elegantes, música para se dançar e dentro de todo aquele cenário, um apelo de consumo nunca visto.

O cinema anunciava o que os americanos sempre souberam fazer melhor que qualquer outro povo: vender sapatos, abotoaduras, tecidos, perfumes, jóias, relógios de pulso, sabonetes, esmaltes, rádios, aparelhos de jantar e automóveis. Eram produtos da linha de exportação, naturalmente que no caso do Brasil atingia uns poucos endinheirados.

Emerge daí a análise crítica de nossas antigas raízes de colonizados. A mensagem das cenas históricas da época reproduzia em Parnaíba, com força, o desejo por um novo estilo de vida que alimentado pela produção e consumo em massa de bens manufaturados de uso pessoal e doméstico, (re)inventava tradições. Isto se enquadra conforme relata (HOBSBAWM, 2002.), “porque toda tradição inventada, na medida do

possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal”.

Em suas memórias sobre a relação Cinema, Parnaíba e o “American Way of Life” (Modo de Vida *Americano*), o senhor Mário Pires Santana, lembra que:

Ali naquele vetusto prédio várias gerações vivenciaram momentos de emoções e ternura proporcionados pela magia do cinema, e foram construídas verdadeiras relações de empatia entre a plateia e os astros e estrelas da época do ouro de Hollywood. (No Jornal “O Piauí”, nº 2, ano I, Dezembro/2007).

Agregando ao cenário histórico em debate, (SANTOS, 2004), nos relata através do Jornal Terra Norte, que:

No Éden, todo menino aprendeu a sacar um revólver, girá-lo no indicador e gritar “cawboy” americano, ou a imitar os artistas dando baforadas de cigarro e muitas meninas aprenderam a beijar como as grandes divas e a sonhar vendo-se nos braços dos astros. Na verdade, o Éden fez História e fez a cabeça de muita gente.

Entretanto, nem sempre tudo era recebido de forma tranquila, relatos diversos como do Sr. Benjamim Santos (2012), aponta que nesse jogo/embate de tradições entre o “novo” e o “velho”, muitas contradições emergiam, comenta ele que sempre “(...) odiava a rapaziada que vaiava filmes, quando eu tava achando o filme lindíssimo, eu sempre tive uma sensibilidade pro cinema muito grande (...)”

Este cenário histórico somente se faz possível graças ao próspero desenvolvimento econômico de Parnaíba no início do século XX, que se colocava como principal centro industrial e comercial do Piauí. Nestes termos, a próspera cidade parnaibana, de famílias tradicionais, buscava incluir-se no novo cenário urbano, “progressista e civilizado”. O cinema materializava essa nova tradição inventada para receptionar a elite em inovadores ambientes de convívio social.

Em Parnaíba os pioneiros na instalação da primeira sala de projeção foram os integrantes da família de libaneses que adotaram o sobrenome de Ferreira em uma espécie de tradução livre do original libanês. A princípio, o patriarca da família, o senhor Zacarias, projetava filmes em lençóis colocados no centro da cidade, sendo, mais tarde, substituído pelos filhos Miguel e Alfredo. Os irmãos Ferreira criaram, com base nessa experiência, a empresa “Ferreira e Irmão” tornando-se, assim, os precursores das grandes salas de projeções.

Segundo relata (SANTOS, 2004), no Jornal Terra Norte, ao exibir produções do cinema mundial e nacional, os irmãos Ferreira, ao instalarem o Cine Teatro Édén, eram:

Audazes e seguros quanto ao futuro comercial do cinema, compraram um terreno numa esquina de frente para o Jardim Público e construíram um prédio majestoso, assombrado, com ampla sala de projeção, mezanino e duas fileiras de camarote no alto.

O dia 15 de novembro de 1924 foi marcado pela inauguração da ampla sala de projeção, Cine Teatro Édén, (conforme imagem ao lado). Merece destaque, a legenda da foto, ao destacar: “o esplêndido palacete da moderna arquitetura onde funciona o CINE-THEATRO-EDEN, da Empresa Ferreira e Irmão”.



FIGURA 1 - Prédio com a primeira arquitetura do CINE-THEATRO-EDEN, da Empresa Ferreira e Irmão.

Durante aproximadamente seis décadas, este novo espaço de sociabilidades, de encontros e desencontros, alimentou o caldo cultural parnaibano (re)inventando tradições, constituindo-se como território e/ou símbolo da tão propalada modernidade, progresso e civilidade. Na história e memória do Cine-Teatro-Éden em Parnaíba, estes encontros e desencontros iam desde paqueras, a momentos de religiosidades, festividades, e ainda, segregação social. Isto porque parafraseando (QUEIROZ, 1998), “o ‘progresso’ materializado em inúmeras inovações utilitárias – que, embora não fossem apropriadas pela grande maioria da população, não deixavam de indicar os novos rumos e promessas da Civilização e de gestar novas formas de pensar e de sentir”.

A notícia jornalística do jornal O Bembém, ano 3, Parnaíba, 21 de dezembro de 2010, de forma complementar afirmam que em Parnaíba: “a elite Cultural ia assistir aos espetáculos no Cine-Teatro-Éden de companhias que vinham do Sul e assistir ao shows de cantores da Rádio Nacional.”

Ainda sobre isso, a Revista HISTÓRICA do IHGGP, Ano I, nº 01 - Abril 2008, p. 15, diz que:

O edifício foi construído originalmente para cinema pelos irmãos Zacarias, Miguel e Alfredo Ferreira. Mas possibilitou também a vinda de grandes atores com Procópio Ferreira e sua filha Bibi, Barreto Júnior, Rodolfo Mayer, a dançarina Virginia Lane e Lola Montez. Músicos vieram e foram muitos. Os sanfoneiros Sivuca, Pedro

Raimundo, Rui Rei e sua orquestra, Valdir Calmon, Nelson Gonçalves, Emilinha Borba, Ângela Maria, Alcides Gerardi, Black Out e Nora Ney, Jorge Goular, Dalva de Oliveira e Adelaide Chioso.

Mas era ambiente elitista. Luis Gonzaga, sanfoneiro de Exu, embora famoso no Rio de Janeiro para onde levou o baião, teve de se apresentar em cima de um posto de gasolina na avenida Getúlio Vargas. Anos depois o mesmo Édén recebia o cantor Waldick Soriano. (grifo nosso).

No cruzamento atento das evidências históricas, este elemento classista no Piauí, manifesta-se também em Teresina. Lá, o Jornal “O Piauí”, Ano XXII de 27/07/1912 destacou a seguinte observação: “pena que os proprietários do cinema Paris ainda conservem preços tão altos, impossibilitando assim a muitos o prazer de gozar esplêndidas noites de diversão”. Outro elemento interessante de observar trata-se do fato de coexistirem salas de projeção cinematográfica para os ricos e salas de projeção cinematográfica para os pobres. Ai variava o preço do ingresso, vestimenta, nível de escolaridade, entre outros elementos.

Benjamim Santos (2012) nos fala que:

No Édén o dono do cinema e a dona do cinema exigiam alta categoria do público, o Ritz era popular, popular, popular, o Ritz era aquele onde o moleque descalço pobre chegava ficava olhando até o dono do cinema dizer: entra moleque, ai o moleque entrava. O Ritz era o cinema em que o seu ultimo dono, João Evangelista fez os seus últimos tempos, que é a decadência do Ritz. [...] O Édén com essas características todas e o Ritz com as características dele marcaram muito a infância e a juventude dos anos 50 com os filmes seriados [...] esses filmes granjearam a juventude e a rapaziada da Parnaíba inteira, todo mundo iam ver os seriados [...] Os filmes do Édén eram sempre de ingressos mais altos, [...] e o ingresso no Ritz eram sempre mais baixo [...] com o cinema de chanchadas no Brasil, na Parnaíba a multidão via os filmes várias vezes.

Além dos já citados, ao longo do século XX existiram vários outros espaços de exibição de filmes na cidade de Parnaíba, com diversas temáticas e gêneros, desde filmes nacionais até filmes estrangeiros. As principais salas de exibições foram: Cine São Sebastião, Cine Ritz, no centro da cidade, e um dos maiores concorrentes do Cine Édén; Cine Guarita, mais tarde conhecido como Cine Polar e o Cine Gazeta que hoje tem o nome de Cine Delta e foi modificado sendo contemplado com duas salas de exibições. No Jornal “O Piaguí”, nº 2, ano I, (Dezembro/2007), Mário Pires Santana, ao comparar o Cine-Teatro-Eden aos demais, classifica estes como “cines suburbanos”, diz ainda que:

Antes do Édén, cerraram suas portas e foram destruídos para sempre, entre outros menos significativos, o inesquecível “Cine Teatro Ritz” e os suburbanos “Cine São Francisco da Guarita” e “Cine São Sebastião”. Esses, como saíram totalmente de cena, muitos nem mesmo se lembram que um dia existiram realmente.

As pesquisas e entrevistas sobre a temática do cinema em Parnaíba, assim desnudam contradições de classe latentes na história local, o Cine Édén na história e memória de Parnaíba teve característica cultural, como sendo o principal auditório. Eventos de vulto como a seção solene de comemoração de celebração do centenário da Parnaíba, teve o Cine Édén como palco. O senhor Benjamim Santos, rememora os tempos da seção solene dizendo: *“com mesa toda arranjada pelas senhoras da cidade e com a presença do arcebispo de Teresina, que a Parnaíba ainda não tinha bispado, com a presença do Governador, com a presença do Vigário, do Prefeito e com outras autoridades, no Édén aconteceu a solene seção de cinema”*. O cinema na Parnaíba tinha essas várias facetas em relação à sociedade e em relação ao povo.

Com isso, podemos concluir que a memória histórica do cinema parnaibano, ao longo do século XX, foi marcada por grandes acontecimentos e relevantes transformações na sociabilidade daquela sociedade. Pois percebemos ao longo das pesquisas que o Cinema na cidade de Parnaíba, cumpriu a tarefa histórica de propiciar a difusão de novas cultural, possibilitando assim, uma “invenção de tradição” através de sua linguagem específica, como o devido aprendizado cultural em diversas áreas; sociabilidades, educação, artes, música, e em especial o de história, pois percebemos essa “tradição sendo inventada” através dessas novas formas de se aprender/distrair com o cinema.

REFERÊNCIAS

BARRO, Máximo. **A primeira sessão de cinema em São Paulo**. São Paulo: Tanz do Brasil, 1996.

_____. **Na trilha dos ambulantes**. São Paulo: Maturidade, 2000.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. In: **Magia e Técnica, Arte e Política – Obras Escolhidas** 1. Trad. Rouanet, S. P. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Teses Sobre o Conceito de História**. In: **Magia e Técnica, Arte e Política – Obras Escolhidas** 1. Trad. Rouanet, S. P. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERNARDET, Jean-Claude. **O Que é Cinema**. São Paulo: brasiliense, 2006.

COUTINHO, Laura Maria. **Refletindo Sobre a Linguagem do Cinema**, boletim 2. Abril de 2005.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOBBSAWM, E. J.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LEITE, Sidney Ferreira. **Cinema Brasileiro: das origens à retomada**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

MATOS, Marcos Fábio Belo. **Cinema Ambulante: A Experiência De São Luís Do Maranhão**. 2009.

MORAIS, Regis de. **Cinema: a realidade de uma quimera**. Campinas, SP: Alinea, 2010.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo**. 2. ed. Teresina; João Pessoa: Edufpi; Edufpb, 1998.

ROSENFELD, A. **Cinema: arte & indústria**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SANTOS, Benjamim. **Saudação à memória do Eden**. In: Jornal Terra Norte. Parnaíba. 19 de outubro de 2004.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria, ou um planetário de erros.**/Tradução de Maltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

5.1 DEPOIMENTOS.

CORREIA, Francisco de Canindé. Depoimento concedido a Francisco Samuel Lima dos Santos. Parnaíba, 24 de fevereiro. 2011.

SANTOS, Benjamim. Depoimento concedido a Francisco Samuel Lima dos Santos. Parnaíba, 25 de março. 2012